

Último gole

# Bye, bye Ribeirão... A despedida da Antarctica

Por quase um século, foi difícil não associar a imagem de Ribeirão Preto à cervejaria Antarctica. Instalada em 1911, a fábrica foi fundamental para que a cidade fosse conhecida como a capital do chope e participou ativamente do desenvolvimento econômico e do progresso local.

A Antarctica foi uma das primeiras indústrias de Ribeirão Preto. Ao lado da Cervejaria Paulista, com quem viria a se fundir em 1973, pode ser considerada responsável pela formação de uma nova classe de trabalhadores: a dos operários, mão de obra especializada para trabalhar em máquinas.

Além de ajudar a mudar o perfil da cidade, até então predominante rural, as duas empresas eram as que mais empregavam e geravam impostos em Ribeirão Preto, impulsionando significativamente a economia local.

No campo da cultura, tendo à frente o diretor Max Bartsch, figura proeminente na sociedade de então, a Antarctica usou sua influência para fomentar a fundação da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto e a criação de jornais e de diversas outras associações, marcando uma época de evolução cultural.

Exemplo dessa participação é o Cassino Antártica, importante e glamuroso centro de diversões para a elite local na época do café, sede de espetáculos e shows.

No futebol, teve participação ativa em praticamente todos os clubes da cidade, principalmente no Botafogo, ao qual esteve intimamente ligada desde a fundação e chegou a patrocinar os estádios e os uniformes por diversas vezes.

A Vila Tibério, onde estava a fábrica da cervejaria, também deve a Antarctica a contribuição para uma série de melhoramentos, principalmente quanto ao abastecimento de água e energia, assim como o calçamento.

Mas, como diz o ditado popular, nada é eterno. Em 1998, Ribeirão Preto começou a se despedir da Cervejaria Antarctica. O processo foi lento, aos poucos, provavelmente para diminuir o impacto na opinião pública.

A primeira ação foi a paralização gradual da produção de cerveja, carro-



Antarctica chegou em Ribeirão Preto em 1911

## “COMUNICAÇÃO AO PÚBLICO

A Diretoria da Cervejaria Antarctica Niger sente-se no dever de vir a público prestar os indispensáveis esclarecimentos à população de Ribeirão Preto, suas autoridades e à imprensa, tendo em vista as interpretações equivocadas referentes ao funcionamento de sua fábrica nesta cidade.

Jamais foi propósito desta Diretoria encerrar as atividades da nossa empresa, aqui instalada desde 1911.

A Antarctica, durante todos esses anos, sempre manteve o mais estreito e respeitoso relacionamento com as autoridades, com as instituições civis, religiosas e educacionais da cidade e, particularmente, com seus funcionários e clientes.

Neste momento de profundas mudanças por que (sic) passa o País, decorrente da crise financeira e econômica mundial, que atingiu de forma violenta as empresas e a

população de todos os países emergentes, viu-se a Diretoria obrigada a tomar medidas preventivas exatamente para preservar o funcionamento de suas fábricas.

Assim sendo, reciclamos a produção de nossas unidades fabris espalhadas no País, deliberando, no caso de Ribeirão Preto, aumentar a produção de refrigerantes, continuar e ampliar a produção de chopp e transferir para a nossa mais moderna fábrica em Jaguariúna a produção de cervejas, até a normalização da crise que atravessamos, adequando os respectivos quadros de pessoal.

Essa situação será revista tão logo se verifique a retomada do desenvolvimento econômico do país, com maior reativação do mercado. Cervejaria Antarctica Niger S/A Diretoria”

-chefe da empresa. O anúncio foi publicado pela própria cervejaria na capa do Tribuna Ribeirão, em um anúncio que ocupou um quarto da página principal da edição de 19 de setembro.

Acima do informe publicitário – e

oficial – da direção da Antarctica, com direito a erros gramaticais, o jornal repercutiu o anúncio com a chamada de capa, destacando um projeto do Legislativo para cancelar a troca de uma rua pelo prédio do Palace Hotel.

“A decisão da Cervejaria Antarctica Niger S/A pode causar a demissão de 250 funcionários. Em contrapartida, tramita na Câmara Municipal um projeto de lei que revoga a permuta entre a Prefeitura e a cervejaria de um

trecho da rua Nemésio Ferreira Vianna com o Palace Hotel”.

Esse troca-troca realizado pelo governo Palocci e a fábrica, que dura até hoje, recebeu duras críticas da coluna Parabólica, assinada por José Fernando Chiavenato. “Há pouco mais de dois anos, ainda sob a batuta de Palocci e Cia, os ‘antartiqueiros’ faziam juras de amor pela cidade. Entre outras coisas, para conseguir ‘fechar’ uma rua (no caso o trecho da Nemésio Ferreira Vianna, entre as ruas Castro Alves e Rodrigues Alves), encontraram um forte pretexto. Ampliariam a fábrica e gerariam novos 300 empregos. Doce piada”.

Na época, 1996, a Prefeitura pagou a Antarctica cerca de R\$ 400 mil, em ações preferenciais da Ceterp, como indenização pela “diferença de valor entre os imóveis”. Dois anos depois, após o anúncio do fechamento parcial e das demissões, se reuniu com a direção da fábrica, em São Paulo, uma comitiva formada pelo prefeito Roberto Jábali e os vereadores Barquet Miguel, Cícero Gomes da Silva, José Carlos Porto e Leopoldo Paulino.

O grupo ouviu, segundo o jornal, que o fim da fabricação de cerveja e a consequente demissão de mais de 200 funcionários eram uma “necessidade”. De acordo com os integrantes da comitiva, os diretores da Antarctica teriam se “comprometido em aumentar a produção de refrigerantes em Ribeirão para compensar a transferência da linha de produção da cerveja”.

Em reunião na ACIRP | Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, Adhemar Silvestre Júnior, diretor regional da cervejaria, foi taxativo: “Não queremos, em hipótese alguma, parar de fabricar o chopp que leva o título de melhor do mundo”.

Ao final, ninguém honrou a palavra.

Lembra-se da promessa de revisão da situação “tão logo se verifique a retomada do desenvolvimento econômico do país, com maior reativação do mercado”?

A retomada do desenvolvimento econômico e a reativação do mercado vieram. O Brasil e o mundo reencontraram o caminho, o consumo de cerveja aumentou. Só faltou, mesmo, a empresa cumprir sua promessa...

## Fábrica fecha totalmente as portas em 2003

O anúncio do encerramento da produção cervejeira, no último quadrimestre de 1996, foi o começo do fim.

A partir dali a unidade da Antarctica em Ribeirão Preto foi encerrando gradualmente suas atividades. Primeiro com a produção de cerveja, que teve parte da operação transferida para Jaguariúna, em 1999. Pouco depois, em 2002, foi vendida para a empresa mexicana FEMSA (Fomento Económico Mexicano, S.A.B.), que além de não investir na fábrica, reduziu a produção.

O resultado foi desativação total, em junho de 2003, pela última proprietária, a cervejaria norte-americana/canadense Molson Coors, que considerava a unidade “velha demais”. Foram, então, dispensados os últimos 140 funcionários

### Abandono

Desde o encerramento total da produção, a área de 52 mil metros quadrados onde funcionou a indústria de bebidas, está abandonada. Nenhum projeto foi concretizado e o local serve como abrigo a moradores de rua e usuários de droga.

Em 2012 foi anunciada a construção no local do Buri Shopping, um centro popular de compras. Mas, somente em setembro de 2015, o anti-



Instalações da Antarctica após o fechamento da fábrica, em 2003

go prédio começou a ser timidamente demolido para dar lugar ao que seria o quinto shopping da cidade. A previsão, na época, era que a primeira fase do projeto, com investimento de R\$ 250 milhões, seria concluída até dezembro daquele ano.

Aprovado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Conppac), o projeto con-

sistia em, junto à nova construção, manter tudo o que já estava tombado pelo município.

Efetivamente, o projeto não saiu do papel. Foi demolida praticamente toda a antiga fábrica, sem cumprir os termos da autorização (manter a arquitetura e construir o “Museu do Chope”). A área, há algum tempo, está à venda.

## Paixão por cerveja vem de longe



Livi & Bertoldi foi a primeira cervejaria instalada em Ribeirão Preto

A paixão do ribeirão-pretano pelas ‘loiras geladas’ é anterior à instalação da Antarctica e da Cervejaria Paulista, na primeira metade dos anos 1910.

Segundo o site Cervisiafilia, desde 1878 funcionavam na vila pequenas fábricas artesanais de cerveja. “Mas a bebida, ruim de doer, era mais utilizada como remédio contra febre”, registra o site.

A primeira fábrica a ser instalada na cidade foi a Livi & Bertoldi, fun-

dada pelos italianos Salvatore Livi e Quarto Bertoldi, no início dos anos 1900, na atual rua Capitão Salomão.

A fábrica, que produzia os rótulos Guarani, Indiana e Mulata, chegou a ser premiada com diploma e medalha na 1ª Exposição Regional Agrícola, Industrial e Artística do 3º Distrito Agrônomo do Estado de São Paulo, em 1901.

Isso, provavelmente, foi o que atraiu a Antarctica a instalar em Ribeirão Preto, em 1911.





# Adultescentes já eram uma preocupação no final do século passado

Eles têm entre 25 e 40 anos, moram e dependem financeiramente dos pais, adoram se fantasiar de super-heróis ou personagens diversos, colecionam carrinhos e, claro, passam horas no videogame. Se você não é um deles, certamente conhece alguém assim. São os ‘adultescentes’ (ou *adultescent*, em inglês), expressão criada pelos tablóides sensacionalistas britânicos e reconhecida, desde 1997, pela Oxford University no registro de novas palavras usadas em língua inglesa.

Essa condição, conhecida na Psicologia como Síndrome de Peter Pan, se caracteriza por um comportamento imaturo e infantilizado em adultos, que se recusam a crescer e assumir as responsabilidades da vida adulta.

Entre as características mais comuns estão a dificuldade em manter relacionamentos e cuidar de si mesmo, a dependência dos pais, egocentrismo e a busca constante por diversão e emoção, evitando a rotina.

Não existem estatísticas precisas sobre a quantidade de pessoas afetadas, mas há um aumento no número de casos diagnosticados e o transtorno é mais comum entre os homens.

Por isso, o Tribuna se referiu a eles, em 1998, como os ‘mauriciões’, em alusão à gíria, comum na época, para designar jovens, geralmente de classe alta, que apresentavam um estilo de vida bastante característico, ostentando luxo e frequentando apenas lugares da moda.

“Até a década de 50, o ideal era ser velho. Nas décadas de 20 e 30, principalmente, era comum jovens de 25 anos usarem sapatos com polainas, terno e gravata, chapéu e guarda-chuva. Hoje, com a intervenção maciça dos meios de comunicação, os

valores foram invertidos. O sujeito luta para manter-se adolescente até os 80 anos. Ser velho, hoje, é um incômodo”, afirmou o professor de Sociologia da Unaerp | Universidade de Ribeirão Preto, Delson Ferreira.

Segundo ele, o fenômeno, já naquela época, não estava restrito aos jovens de classe média ou alta. “O interessante é que a classe menos favorecida também tem seus adultescentes. A diferença é que os ricos permanecem com os pais por opção, enquanto os pobres fazem isso por necessidade. A soma dos salários é que mantém a casa”, disse o professor.

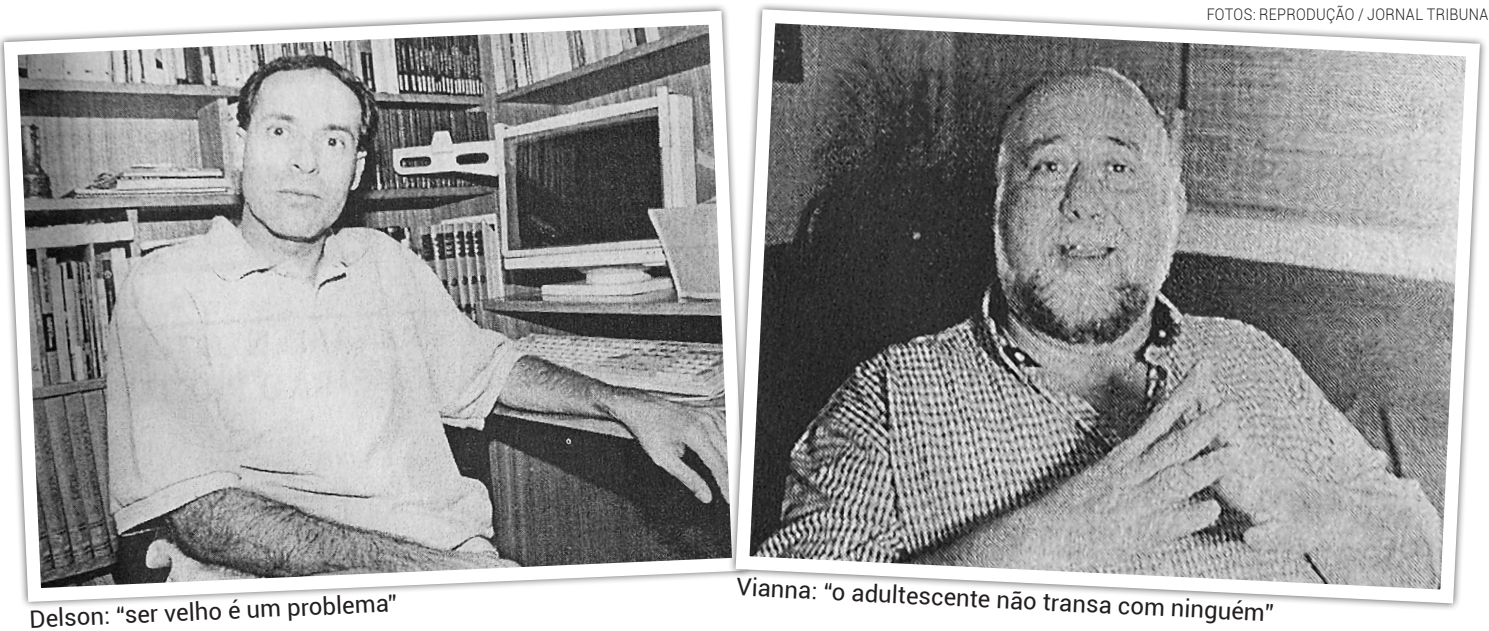
Hoje, acredita-se que as possíveis causas da Síndrome de Peter Pan sejam pais superprotetoras, que dificultam o desenvolvimento de adultos independentes; traumas de infância, como abuso ou bullying, que podem gerar insegurança e medo do futuro; e baixa autoestima, que levaria a pessoa a evitar situações desafiadoras que a expõem ao fracasso.

Naquela época, Ferreira creditava também a culpa ao sistema de produção de bens e produtos. “Nós sempre fomos manipulados pelo consumismo. Na primeira metade do século (passado), empurravam fraques e chapéus aos jovens para envelhecê-los. Hoje nos revestem com calças jeans e tênis, walkman e relógios submarinos. O problema é mais visível por causa de televisão, dos meios de comunicação em massa”.

“Há um desejo dos pais em prolongar a adolescência dos filhos. Hoje, a produção requer tempo. A própria universidade exige, no mínimo, quatro anos para formar um profissional. Os filhos passam o dia no trabalho ou na escola. Os pais não admitem viver tão pouco tempo com os filhos”, ressaltou o



A busca constante por diversão e emoção, sem assumir responsabilidades, é uma das características dos adultescentes



Delson: “ser velho é um problema”

Vianna: “o adultescente não transa com ninguém”

## Os “mauriciões”



Eles estão descobrindo, aos trinta anos, que Papai Noel não existe, assistem Chiquititas e não perdem um capítulo de Malhação. Os “adultescentes” -expressão criada pelos sensacionalistas tablóides britânicos- têm entre 30 e 40 anos, continuam dependendo do esforço e do bolso dos pais e não querem assumir responsabilidades.

Página 9

psiquiatra Fábio Luz.

Ele ainda completou: “Muitos alcançam a maturidade social e cultural, mas não a emocional. Ainda jovens tornam-se juízes, jornalistas e médicos, por exemplo, e não conseguem enfrentar determinadas situações por falta de maturidade emocional”.

Régis Vianna, também psiquiatra, lá em 1998 já identificava que o comportamento era mais notado nos homens. “A adultescência não atinge a mulher com tanta intensidade. Elas estão nos

bares, nas ruas, nos escritórios, em todos os lugares. E disponíveis! O ‘adulto-adolescente’ vive trancado, com medo da responsabilidade e aproveitando os privilégios oferecidos pelos pais. Muitas vezes, apelam às drogas. Eu incluo aí o álcool e os calmantes”, explicou.

O psiquiatra foi além. “Com isso, as mulheres, que durante anos foram reprimidas, vão ganhando terreno. Mesmo assim, reclamam da falta de homens. O adultescente não transa com ninguém e

não quer saber de casamento”.

Para Vianna, o adolescente dos anos 1980 não teve como se inspirar nos pais, como acontecia nas duas décadas anteriores, quando o Brasil vivia sob o regime militar. “As reuniões eram clandestinas, as conversas proibidas e os filhos percebiam que aquilo significava algo importante. Com o fim dos movimentos político-culturais, o jovem está deixando de amadurecer, aniquilou o *homo politicus*, que vivia solto na polis (cidade) e o *homo*

*socialis*, a principal característica do ser humano, que é a sociabilidade”.

O texto, assinado pelo jornalista Hilton Hartmann, atual editor-chefe deste Tribuna, em 1998, termina com uma pergunta: como será daqui há 30 anos? “Esses jovens irão ocupar os principais cargos e, provavelmente, estarão ditando os rumos do país. É preocupante”, profetizou Fábio Luz.

Ainda faltam três para completar os 30 anos, mas fica outra questão: a preocupação do psiquiatra fez sentido?

Lá em 1998, o psiquiatra Régis Vianna advertia que os adultescentes não queriam saber de casamento. Talvez seja uma meia verdade. Eles até querem, porém, bem mais tarde...

Segundo dados do relatório Estatísticas do Registro Civil, produzido pelo Departamento de População do IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a idade média do brasileiro ao se casar permaneceu praticamente inalterada entre 1974 e 1994.

Neste período, a média para os homens foi de 27 anos. Para as mulheres, 23 no primeiro censo (1974) e 24 nos dois seguintes (1984 e 1994).

As mudanças passam a ser bastante significativas neste século. Em 2004, os valores aumentaram três anos para cada sexo, ou seja, os homens se casavam, em média, com 30 anos e as mulheres aos 27.

Igual crescimento foi apresentado no recorte seguinte, realizado em 2014: os homens



As pessoas estão casando-se cada vez com mais idade

passaram a contrair matrimônio, em média, com 33 anos, e as mulheres, com 30.

No mais recente relatório, de 2023, a pesquisa dividiu casamentos heterossexuais daqueles entre pessoas do mesmo sexo. A média de idade entre esses foi maior: 34,7 anos para homens e 32,7 anos para as mulheres. Entre os cônjuges solteiros, a idade média dos homens foi de 31,5 anos e de suas mulheres 29,2 anos.

Esses números refletem a tendência de aumento da idade de quem se casa, ao longo das décadas, assim como de casamentos mais tardios, envolvendo pessoas com 40 anos ou mais.

Em 2000, 6,3% das mulheres que se casaram tinham 40 anos ou mais. Em 2022, esse percentual chega a 24,1%. Este fenômeno também foi observado entre os homens da mesma faixa, que representavam 10,2% em 2000 e chegaram a 30,4% em 2022.





# Volta pra cá, Guataparará...

Entre a área central de Guataparará e de Ribeirão Preto são quase 60 quilômetros. Ainda que, antes das boas estradas pavimentadas de hoje, já existissem duas ferrovias servindo o então distrito, essa distância sempre foi uma das grandes reclamações dos moradores.

Após longa campanha emancipacionista, em 1989 foi realizado um plebiscito entre os eleitores de Guataparará e o desmembramento da sede foi aprovado. No ano seguinte, o local já era uma cidade!

O assunto não foi tratado, é necessário ressaltar, com a devida atenção pelas autoridades ribeirão-pretanas. Talvez, até com total desca-so. O resultado foi que, mais do que um dis-trito, o município perdeu quase metade (42%) de sua área territorial.

Somente depois é que a bobagem foi perce-bida. Ou, alguém teve a coragem de, ao menos, tentar reverter o erro de outros no passado.

A chamada de capa do Tribuna Ribeirão em agosto de 1997, resumia bem a situação.

*“Em busca de terra perdida  
Após o leite derramado, Ribeirão Preto acorda e tenta reaver parte dos 42% de seu território que perdeu para Guataparará, na emancipação de 1990. Cercado e dividido pelo Córrego da Onça, Ribeirão não tem mais para onde crescer. Para se ter uma ideia do que Ribeirão perdeu – e nem discutiu na época – a cidade tem hoje uma área de 651km², incluindo o distrito de Bonfim Paulista. Sem Bonfim, Ribeirão tem 477km² de área. Guataparará, um município de 6 mil habitantes possui 413km² e os po-líticos nem cogitam discutir o assunto. A ACIRP promete brigar, inclusive na Justiça, por, pelo menos, metade da área perdida”.*

Sem o território eman-cipado, Ribeirão Preto ficou ‘cercada’ por rios. “Pegaram uma divisa natural, que é o córrego da Onça. Com isso, o município de Ribeirão per-deu 42% do seu território, exatamente na zona Sul, que é para onde a cidade estava crescendo, levando em conta que as demais regiões, princi-palmente norte, parte da oes-te-norte e leste, são fechadas pelo rio Pardo. Ou seja, você não tem para onde expandir, para onde crescer”, explica o empresário Gilberto Mag-gioni, que na época ocupava a presidência da ACIRP e le-vantou a bandeira. “A perda foi inestimável”.

Vicente Golfeto, então as-sessor do Instituto de Econo-mia Maurílio Biagi (IEMB), órgão da própria ACIRP, focou em aspectos econômicos para analisar a emancipação. “Para Guataparará, a situação não me-lhorou; para Ribeirão, piorou”, disse o professor, que conside-rrou a ação da associação “uma das campanhas mais lúcidas e vitais do último anos”.

Nem todos, claro, pensa-vam assim. Em Guataparará, nem é preciso dizer, a ideia

foi completamente rechaça-da. Se fosse em outras épocas, provavelmente haveria decla-ração de guerra.

“Eles estão se arrependen-do da emancipação de Guata-pará agora? Não vamos abrir mão de nenhum milímetro da área conquistada”, afirmou Norberto Selli, ex-prefeito e assessor de Planejamento e Desenvolvimento Econômi-co do ex-distrito.

Afirmados terem preen-chido todos os requisitos le-gais à época, ele comparava a situação a “Ribeirão Preto voltar a ser distrito de São Simão”. “Para mim, esta pro-posta é uma afronta a Guata-pará e ao Brasil”.

Oswaldo Martins Barbosa, último dos sub-prefeitos de Guataparará, cargo que corres-pondia ao administrador do distrito, reconhecia, ainda que indiretamente, a razão que motivava o desejo ribei-rão-pretano – a vasta área afastada da sede do muni-cípio. Ao mesmo, afirmava que a proposta não tinha jus-tificativa. “Apesar de a nossa sede estar distante das divisas com Ribeirão (28km), nossa área produtora é formada ba-

sicamente por toda essa área rural”, explicou Vadão.

Uma reunião entre o pre-sidente e o departamento jurídico da ACIRP com o prefeito de Guataparará Esdra Igino chegou a ocorrer, ten-tando convencê-lo a devolver metade do território. Nada feito. “Não posso dispor de uma coisa que não é minha e sim do povo”.

Sem uma resposta, Mag-gioni admitia buscar a Justiça. “Se não houver um acordo amigável vamos entrar com uma ação para rever a falta de lógica dessa divisão”, dizia.

**Desconhecimento**

Cícero Gomes da Silva era o presidente da Câmara Municipal em 1989, ano em que chegou ao final a ‘costu-ra política’ pelo desmembra-mento. Ao Tribuna, afirmou ter “participado de todo o processo de emancipação de Guataparará”. E oito anos depois, admitiu que nem o Legislativo e nem o prefeito da época, Welson Gasparini, faziam ideia das divisas terri-toriais do distrito.

“Participei de grande parte das reuniões do grupo

emancipacionista de Gua-taparará. Todos nós fomos a favor da emancipação. Se co-nhecêssemos a área na época, teríamos feito algum tipo de movimentação a favor de Ri-beirão. Mas, de qualquer je-i-to, não dependia só da gente”, afirmou.

Descuido semelhante de assessorias, não deixou a ideia da ACIRP seguir adiante. “Pedi ao advogado da ACIRP para entrar com uma ação para tentar reverter a situação. Muito habilmente, ele foi me ‘levando de barriga’, dizendo que precisaria trazer um es-pecialista de São Paulo nesta área”, diz, hoje, Maggioni.

“Inexperiente, eu decla-rei na imprensa que a ACI poderia entrar como ação. E isso, lógico, mexeu com aqueles que fizeram a opera-ção, em 1989. Só depois que não havia mais como entrar com recursos é que eu soube que o nosso advogado, em-bora excelente profissional, foi muito ‘jeitoso’ porque era muito ligado ao prefeito da-quele época da emancipação”, reconhece. “É uma pena que Ribeirão perdeu esses 42% definitivamente”.



Fazenda Guataparará, fundada em 1865, deu origem ao distrito

um veado que era encontrado com abundância na região na-quele época e hoje está extinto.

Em 1938, pelo Decreto nº 9775, do prefeito Fábio de Sá Barreto, se transformou em distrito, cuja sede era locali-zada na Fazenda Guataparará – por lá permaneceu até 1962.

Guataparará chegou a ser servida por duas estradas de ferro, a Companhia Mogiana e a Paulista.

Por estar distante 60km da sede do município, Ri-beirão Preto, a população de Guataparará passou a desejar a autonomia. Em novembro de

1989, por meio de plebiscito, o povo decidiu pela eman-cipação política, que viria a acontecer no ano seguinte.

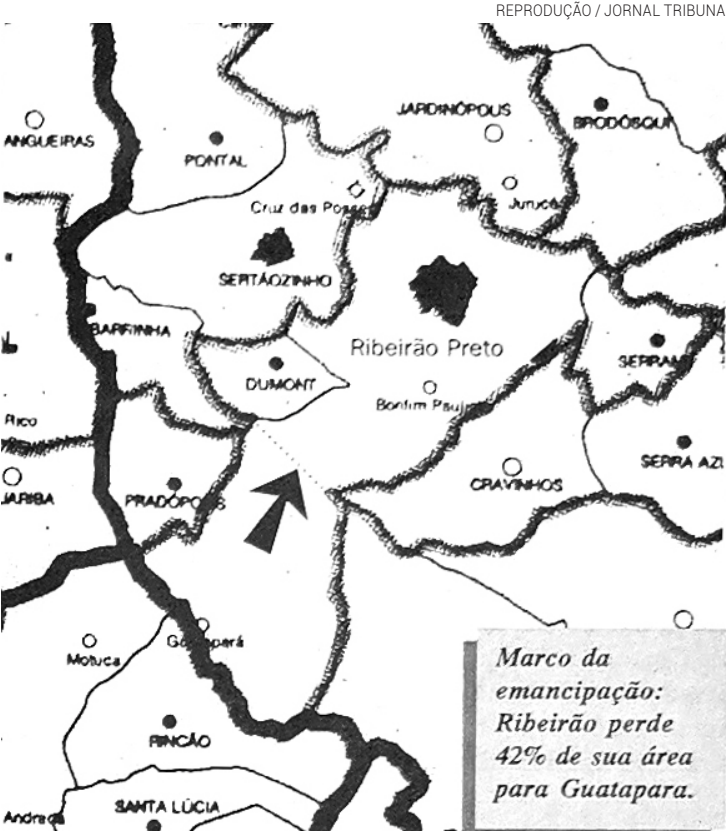
Em 1992, com eleições si-multâneas em todo o país, a ci-dade elegeu o primeiro prefei-to e vereadores, que tomaram posse em 1º de janeiro de 1993.

FOTOS: REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA



Maggioni: presidente da ACIRP tentou devolver área a Ribeirão Preto

## Divisas foram estipuladas em 1938



Segundo informações do próprio Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo, responsável por todo e qual-quer estudo de emancipação solicitado pela Assembleia Legislativa, a linha de divi-sas de Guataparará segue um decreto da Lei Nacional 311, que data de 1938 – e não da Monarquia, como chegou a ser cogitado na época.

Neste mesmo ano, a então Fazenda Guataparará, fundada em 1865 por Martinico Prado, tornou-se distrito nas mãos do prefeito ribeirão-pretano Fábio de Sá Barreto. Desde então, as divisas não foram al-teradas. Com a emancipação de Guataparará, essas linhas fo-ram apenas reescritas.

Essa lei de 1938 estabele-cia que as divisas dos muni-cípios deveriam ser traçadas

através de pontos fixos e imó-veis, como rios e córregos. O Quadro Territorial Admi-nistrativo do Estado acabou sendo definitivamente esta-belecido pela Lei nº 8050, de 31 de dezembro de 1963, e re-promulgada pela Assembleia Legislativa como Lei nº 8092, de 28 de fevereiro de 1964.

As novas alterações só vi-riam em 9 de janeiro de 1990, com a Lei nº 6.645 e sua com-plementar 651, que estabe-lece, entre outras coisas, que para se realizar a consultaria plebiscitaria para a criação do município, a área deve: ser distrito há mais de dois anos; possuir em sua área territorial, no mínimo mil eleitores; ter centro urbano constituído; não interromper a continuidade territorial do município de origem etc.





# “Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

*“Vicente Golfeto – dizendo das diversas cassações de mandato já efetuadas por diversas Câmaras, manifestando-se favorável à cassação do mandato do vereador Azevedo Marques”*



**Vicente Golfeto**, jornalista, economista, professor universitário e vereador, tendo sua fala citada na ata da sessão secreta da Câmara Municipal, que cassou o mandato do médico e vereador Pedro Augusto de Azevedo Marques. Assim como outras, a ata permaneceu secreta por mais de três décadas.

*“Mãos ao alto! É a polícia”*



**Giuliano Arrizi Barbosa**, falso policial, dando voz de prisão a dois policiais de verdade.

*“Ele prejudicou o Comercial porque não gosta de Ribeirão”.*



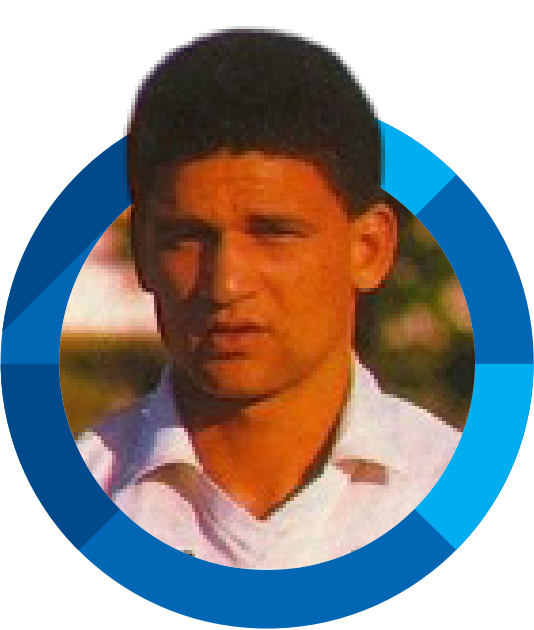
**João Batista de Campos**, presidente do Comercial, sobre o árbitro Marcos Fábio Spironelli.

*“Foi o Fantástico, da televisão, que me ensinou a roubar assim, sem armas e sem violência”.*



**Antônio Joaquim da Conceição**, ladrão do bilhete, explicando a inspiração para seus roubos.

*“O Corinthians de Presidente Prudente está marcado para cair. A Federação não vai deixar times tradicionais como o Comercial, XV de Piracicaba e Sãocarlense irem para a terceira divisão”.*



**Zé Cláudio**, atacante do Comercial, analisando os times que disputariam o 'rebolo' decisivo de rebaixamento à Série A3. Ao final de seis rodadas, mostrou ser 'menos pior' com a bola nos pés: foi rebaixado o XV de Piracicaba. O Corinthians de Presidente Prudentina só cairia no ano seguinte.

*“Bebo o pior café da minha vida na Transerp, por conta de ter que pagar mais barato. É essa coisa da licitação”.*



**Hemil Riscala**, superintendente da Transerp e médico, discordando do processo de licitações públicas.

*“O Glauco sempre roubou cartuns meus e eu os dele. Na verdade, ele sempre roubou mais”.*



**César Augusto Villas Boas, o Pelicano**, cartunista e humorista, denunciando os 'roubos' do irmão Glauco, também cartunista.

*“Colaborei com quase todos os jornais de Ribeirão escrevendo sobre cinema, um assunto que eu sempre gostei. Eu simplesmente mandava meus textos e eles eram publicados”.*



**Rubens Luchetti**, escritor e roteirista.